





ONDE ESTÃO AS BOMBAS



Tatiana Pequeno

# ONDE ESTÃO AS BOMBAS



macondo



“*Perdida*. Agora já não sei onde estou... Existem imagens, mas parecem de carne e osso. Estão aqui dentro... Onde? Juro que estavam aqui. Onde estão, elas estavam aqui... aqui embaixo?”

Aqui embaixo, uma bala alojada. Está dormindo. Parece tão estranha quanto eu, aqui, dentro desse corpo. O que faz aqui, projétil? Foguetinho triste que não consegue mais explodir! Está morando agora em outro planeta, é? Entrei um dia numa arma apontada para uma mulher, quando o projétil explodiu e o corpo dela caiu, eu fugi. Era você a mulher?”

GRACE PASSÔ, *Vaga carne*

“Ê semba ê, ê samba, ah  
Dor é o lugar mais fundo  
É o umbigo do mundo  
É o fundo do mar  
(...)  
Que Noite mais funda, Kalunga!”

ROBERTO MENDES, JOSÉ CARLOS CAPINAM,  
“Yayá Massemba”, na voz de Virgínia Rodrigues





## origem

*explicar con palabras de este mundo  
que partió de mí un barco llevándome*

alejandra pizarnik, *árbol de diana*

naquele ano foram cinco tiros  
pow pow pow pow pow pow  
um sexto que furou a geladeira de  
refrigerantes mais antigos do bar  
você deve ter caído para a esquerda  
e um homem fugiu com um cano  
fumegante um homem assassino  
deixou você no chão sangrando  
os pulmões a inteireza da coluna  
tinha que haver uma linha que te  
costurasse pow  
uma galeria para a gente pendurar  
o futuro pow  
bombas de você morrendo  
nos caquinhos de cerâmica pow  
os pés infantis no piso  
depois meus avós não quiseram  
matar aquele assassino pow

era trabalhador, dissemos  
faltou lembrar  
também era poeta  
pow.

**campo de libra  
(ainda 2014)**

o rumo da ponte é niterói  
mas o que vale, aos pedaços,  
ficou mesmo na baía, antes  
dos pedágios, na estrada  
entre as bagagens caídas  
da viagem de volta para  
os falsos & faustos mares  
ao redor dos campos de libra.

## adeus ao pelourinho

aportei com as tigelas de volta  
saia guardada de dançar chula  
onde por acaso não fiz o santo

pedi que não me punissem  
porque o sacrificio já era maior  
que a raspagem da cabeça

os eguns se deitaram e  
o pai omolu proibiu depois  
suas subidas.

## teoria de poesia

correndo vinha búfala  
caminhada em punho  
tronco pesado de gado  
eu vinha bovina  
correndo vinha rinoceronte  
pisava forte como arma  
até concreto de chão  
coagulava e mexia  
correndo vinha a galope  
na sina de advertir espantalhos  
marchando com vontade  
a sutileza das vindas  
correndo nasci mamute  
tronco grande animal  
médico para ensinar  
subir e descer com leveza  
nascendo cresci mamute  
pronta para as famílias  
no plural  
e eis que se espantaram com as minhas entranhas  
dei à luz um menino  
— elefante extinguido  
passado como fóssil  
íntimo dos intestinos  
mamute, rinoceronte  
búfalo ancestral

quando morri  
recebi de presente

a pisada de um mamute  
fiquei esmagada  
na humanidade  
preferi ser mesmo animal  
agora meu menino se foi  
o pai danou-se pela selva  
fiquei colecionando presas íntimas  
sagradas antropológicas  
correndo vigilante  
totêmica búfala e tabu

## silva antiga

primeiro a poesia foi solapada por um desenho errado que fizeram dela. foi exposta entre os gentios de uma biblioteca eminentemente iluminada ao cifrão mais vantajoso da república quando disseram — ainda tolos — que era engenho ou arte ou descendência a moeda da sua larga circulação. depois a poesia não chegou ao que era o seu destino, a distância, e o que seria munição transformou-se naquilo que o poder engendra na psicologia da servidão voluntária: dor, bicheira, melancolia, exílios, enforcamentos, bactérias, prisão. agora a poesia tem companhia tem um número incontável de letras tem esses nomes que evocam o seu dia mais ancestral de artesanato e saída. ela então migrou daquela região grave e grega onde hoje se deve os fundos da terra e troca a guarda bem ao nosso lado entre apertos de mão, palavras sobre crise (acenos, claro, porque implicar-se é um gesto permitido pelas normas da saúde) e ensaios e mais ensaios que jogo ao mar quando encaro os terminais próximos do trabalho que não é de libra e recordo

que este é, afinal, o novo antropoceno e  
boa será mesmo a poesia que apenas  
indique nos seu versos mais rupestres os  
caminhos que tenham levado a sabedoria  
lírica os rios as violetas e os humanos  
mais sensíveis à sua completa extinção.

## l'air du temps

eu nunca viajei para a europa  
meus colegas de profissão riem  
assim constrangidos quando  
digo séria não, eu nunca viajei  
para A europa  
fui somente ao paraguai em  
90 e 91 (de ônibus)  
comprar relógios casio de plástico  
& rayito de sol para vender na  
escola para as mães de todos  
os meus não-amigos de olaria

minha mãe muambeira às vezes  
nos levava com a promessa de  
um videocassete para vermos  
o brinquedo assassino chucky

no retorno da viagem a nossa  
vida tinha muita expectativa  
esparramávamos as compras  
sobre a cama e no entardecer  
de bonsucesso contávamos  
os enormes investimentos  
das galerias de falsificados

(não, eu nunca viajei para a europa  
fiquei sempre aqui nos verões e nos  
domingos cintilantes de calor  
nunca também tivemos ar condicionado



porque o calor foi sempre a melhor  
das metáforas contra e a favor da vida tropical  
e da vida na europa)

assim foi ficando a europa para lá  
e eu lembro mesmo é da bolsa de viagens  
da minha mãe que ela tinha comprado  
na loja corpoloco da praça das nações  
ela chegava e espalhava tudo na cama  
grande minha mãe espelhava o trabalho  
ela dizia que vender aquilo tudo faria  
todo esforço da gente valer a pena

o rio corria embaixo as torres de tensão  
pareciam cenário futurista &  
quando as pessoas estavam distraídas  
na sala eu entrava no quarto para abrir  
a bolsa de viagens e experimentar  
perfumes de mulheres mais velhas  
meia-calça preta de gente adulta  
e descobrir o que era na minha pele  
a cor de nome estranho fumê  
porque rapidamente os relógios casio  
me entediaram e eu queria mesmo era  
que houvesse ali escondido, de presente,  
todas as fitas k7 com a trilha sonora  
das novelas a que assistia com o objetivo  
de me tornar uma moça educada, bonita,  
inteligente e esforçada  
sabida dos truques sobre vendas de  
muambas e doces e bolos

anotávamos no caderno dela de vendas  
os preços das mercadorias e durante  
a hesitação da formulação do preço

eu imaginava algo que nos desse uma  
casa distante daquele cheiro mal de rio  
imaginava a casa com a piscina da embalagem do rayito de sol

o que minha mãe não sabe é que deve-se  
a minha poesia à muamba daquela infância  
porque verdadeiramente era  
aquilo que passava por mim  
e que eu queria  
mas jamais poderia ser meu.

## expertise

*para o gustavo*

deve ter uns vinte anos que passo  
naquele viaduto e leio há tempos  
a mesma frase que diz como vida

vitória consagradora do jorginho

creio ter a ver com a vitória do  
brasil na copa de 1994 e de como  
o jogador chamado jorginho, grande  
lateral direito, superou o descrédito  
de uma seleção brasileira burocrática  
no maior torneio eliminatório das américas

não sei bem porque a frase permanece lá  
depois de tanto sol tantas obras tanto pó  
e só consigo pensar no gesto de alguém  
um homem  
comprando pincel e tinta branca e indo  
escrever no concreto uma declaração  
pública de identificação íntima com o  
jogo e a superação daquele jorginho  
que, ao mesmo tempo, compunha parte  
das figurinhas que tive no álbum da  
campanha futebolística de 1994 embora  
de minha parte houvesse mesmo um  
encanto pelo ricardo rocha, zagueiro  
espiritual de verve vascaína e nordestina  
que conheci por ter irmã de maiô  
competitivo preto e branco, ginasta.

nós, as meninas, em 1994, queríamos falar dos jogos, do nervosismo do dunga mas a mim, na oitava série, diziam era que jamais me casaria com leonardo, aquele que foi expulso no jogo contra os americanos por ter acertado uma pontiaguda cotovelada.

lembro da vitória consagrada do jorginho e sei que após os jogos esta frase fazia sempre muito sentido no tempo que se seguiu e penso que tenha a ver com a adversidade que soube anos depois a caminho da faculdade na ilha distante do fundão onde sempre terminar alguma coisa tinha a ver com vencer e ganhar realmente uma outra sensibilidade com isso.

fato é que o tempo já se faz há muito e como de fato não me casei com o leonardo pois para mim as mulheres talvez tenham sido mais sensíveis e conversadoras que conservadores (por que diabos os meninos me interditavam fosse o branco, o jorginho ou o leonardo?) e assim, a verdade é que jamais fui muito de jogos — além de nunca ter ido adiante com o vôlei no bonussucesso futebol clube — entendi que mais que conhecer o jorginho, queria mesmo era saber do autor do piche, conhecer o motivo da sua inscrição, reconhecê-lo como autor não de uma ajuda mas de uma suspeita que por mais de vinte anos perdurou pela consagração de um personagem que ao vencer nos salva a ponto de agradecermos por meio de uma escrita algo como obrigado, jorginho pelo seu jogo, nele me identifico porque sei que preciso vencer este concreto porque sei

que preciso passar esta linha vermelha porque  
sei que preciso aprender a jogar a bola porque  
um dia pensei que um livro fosse escrever sobre  
essa vitória consagrada                      mas não foi.

## a queda do céu

imaginemos esta baía antes que a colônia  
aqui tivesse chegado e a água fosse vasta  
bem antes da sua escassez e finura, alguém  
repete, imagina o lago imenso para este  
banho e a nossa fundação para o serviço  
e a consequente imortalização da nossa  
ra  
nhu  
ra  
esta pessoa insiste quando na passagem  
imaginem os índios nesta praia quase  
inabitável de limpeza imaginem o salto  
antes do mergulho imaginem deixar uma  
lança repousando no descanso da caça  
imaginem a nudez permitindo o olhar  
para todos os incompletos orifícios  
alguém  
pede para imaginar esta origem  
alguém clama pelo conhecimento  
(implícito)  
nesta atividade de ver — imaginar —  
lembrar o outro tempo anterior ao trauma  
agora  
onde a falta de linguagem é amálgama de  
uma anti-imagem sem nós sem vastidão  
sem visita ao profundo chão do mar  
hoje lixo, sim um muro.

## breve ensaio contra a minha indiferença à cracolândia do jacaré

avanço protegida por uma película  
de vidro — esta janela — por onde  
filtro cegada pelo sol o bebê caído  
de uma teta mirrada de mãe verde  
entrando pelo coletivo e assumindo  
seu desejo de transbordar tudo o  
que for falta. queria escutá-la mas  
havia uma transparência imanente  
eu a trouxe para cá, todavia  
queria que ela falasse no meu poema  
ela pede centavos para não morrer  
e diz a cerveja poderia me ajudar a parar  
a cerveja no entanto é muito lenta  
abro a bolsa constrangida porque  
aqui sou eu que tenho pele demais  
aqui sei que estou retornando à casa  
aqui gaguejo e murmuro ainda constrangida  
pela visão do bebê absorto pendurado  
no semelhante peito caído  
posso te fazer algo a mais e  
ela diz me dá dinheiro e depois me esqueça  
muitos dizem sentimos muito e é ver  
dade que não há nada que possamos fazer  
ressono de culpa, acordo, ela permanece atrás, sentada com  
seu bebê atravessado pelo contágio  
é uma criança hipotônica recém-saída  
da faixa dos conflitos onde se espera a gratuidade dos extermínios

nunca vou esquecer o seu corpo tampouco sua voz de fantasmas e  
ausências graves de fumo.  
me esqueça — relembro — essa frase  
que guardo há meses doendo os dedos  
quando conto as moedas quando  
retomo o mesmo caminho para os  
sonhos ou para casa para a espinha  
que fica a me botar de pé entre sorrisos,  
salários ou cabelos novos.  
vamos te esquecer certamente  
eu vou tanto que te guardo aqui neste  
poema para lembrar que não podemos  
te esquecer porque nós te levamos  
às pedras nós transformamos você  
também em cinza eu finjo que não  
a conheço quando prossigo depois  
do sinal fechado e me esforço para  
saber onde foi que nos separamos  
e em que espelho empobrecido ficou  
a tua verdadeira face que diz aqui  
é o que me restou dos acidentes.  
me esqueça, sei, compreendi mas  
é que não posso é que não sei e é  
exatamente o que faço todos os dias  
não sei e não saber relembra o fim  
desta civilização genocida  
eles não sabem  
os especialistas não sabem  
estou e estamos sonâmbulos à nossa revelia.  
olho-te inteira e queria que me olhasses  
de volta para que tua criança ameaçasse um choro um  
escândalo uma antipatia enquanto  
tento te esquecer através da minha



poesia já que te dei um nome secreto  
e gravito entre o teu silêncio e a minha falta de economia neste longo  
poema solitário  
perdoa-nos a pele, perdoa a indiferença dos poetas,  
as notas nos bolsos,

fica.

## **muito tesão pelos campos em perdizes**

acabamos de cruzar a europa  
dizem dois paulistanos profes  
sorados lado a lado e amigos  
pela janela desta primavera  
vejo um jacarandá com pouco  
lilás vivo depois do peso deste  
longo e miserável outono  
(casacos caros parcelados de  
acordo com a lógica do crédito)

fiquei neste país cruzando  
o oriente de uma certa  
sombra  
& nesta dificuldade sempre  
me endividei mais e perdi  
calculando errado se valia  
mais a pena táxi, metrô ou  
uber

(mais valia)

deveria ter cruzado a europa  
há anos ao invés de gastar  
meu português brasileiro  
com militâncias, receitas  
e razões apaixonadas dos  
meus latinos sentimentos  
deixados na linha verde

bem longe de perdizes e  
desse tesão infinito que os  
homens têm de escrever e  
falar quadriculados sobre  
legados e heranças daquela  
semana boa moça de 22 ou  
do reinado dos campos  
entre nós cariocas  
não tão concretos

rústicos.

## um a um

distante, ao longe, uma tv conta a história  
de um jogo longo e tenso entre homens  
(há muito tempo não assisto a eles jogando  
perdi o interesse pela corrida  
os olhos com que olho são de alívio  
nunca houve espaço para mim  
na condição das divididas)  
na tv as vozes preparam os meninos  
para serem sempre meninos  
enquanto aos oito eu cuidava da casa  
e aprendia a arte de livrar o limo  
mais antigo dos ladrilhos  
ao fundo do quarto, a cama de casal,  
eu e ela, certamente mais leves  
depois do despojamento esportivo  
agora escrevo no cômodo dos livros  
e o que mais amo está desenhado  
na rede onde dormem os gatos  
ou na lombada vertical deste mundo  
de nomes hoje mais femininos que  
masculinos

(pensando bem, agora entendo  
sempre fui craque  
na condição das divididas)

## metafísica da repetição

como se faz para que o dia seja livre  
perguntava  
distante e muito próxima do cano ligante  
transparente pelas artérias  
como se faz para que o dia seja leve  
demandava  
silente e rubra de fato muito nua  
na voz que ressoava de dentro  
como se faz para que o dia não doa  
esperançava  
vagando cedo sem mais vermelho no cabelo  
sem mais vermelho subindo pelo vento  
no sentido inverso das ruas  
como se faz  
para não afundar  
com a lama  
nunca duvidava  
e du(vida)r da sina  
pareceu sempre  
a coisa mais dura  
nesta parte do mundo  
onde nada impede  
o crescimento  
alucinado  
das sobranceiras.

## **lírca decolonial**

mira douro  
não sei ainda como inscrever nesta língua  
a palavra hesitação  
que é a que vim  
e me dou na expressão dos intervalos  
ninguém está a ver mas  
tudo que é novo dói como abrir os presentes  
e de repente desviriná-los até à coisa  
nunca entendi por quais desígnios umas  
surpresas são tão mais raras para uns  
e tão costumeiras para os outros.  
prefiro acreditar que seja um lance de dardos  
a um galope errado de deus me olhando

pequena  
a contemplar o tempo passando  
indiferente ao meu povo e a mim.

*porto, 23 de março de 2017*

## intradução

ao menor sinal de tremor na retina  
passo a chave por dentro do órgão  
tranco a viscosidade e a cor do ritmo  
resseco a umidade do resto do bolo  
em mim acomete a carícia do sintoma  
uma válvula sem escape digna para só  
doer enquanto o cortisol despeja arritmia  
e as tripas quererem nós, musgos, sevícias  
acontece é que o corpo sacode, se adianta  
diante do medo e da possibilidade de lograr  
permanece feliz acobertado pelo silêncio  
modestamente não cansa de se adverbial  
é duro exigir para si aquela nova escrita  
calculo muitas vezes a quantidade precisa  
para cada dor percebo que a dor sempre  
escapa do verso certo ela dor surpreende  
dinâmica e absoluta sabendo que não será  
soberana essa dor gatilho em mim da coisa  
tal uma pulsão desgovernada fora de si que  
não basta a não ser para sempre querer  
infinita e desgovernadamente gozar.

## epilepsy is dancing

meu pai alegre sua mão tremendo fingindo ser maestro alguma música  
para violoncelo ressoando pelo bairro acima da leve ladeira  
(as janelas abertas e o voil bege claro soprando minha respiração  
[seguidamente para o alto onde vibra o pó enigmático da luz])  
aprendi cedo o ponto exato que o corpo atinge antes de cair



## mulher do fim do mundo

um pedaço de carne assim querendo vara  
mete com força pra ensinar a temer o corpo  
macho que é sério estoca e põe de quatro  
arreganha a pele simulando arrimo e estupro

se for loura a gente cai fundo e exige dp anal  
se for gorda a gente troca o nome fura o  
plástico dá o número errado e goza dentro  
de velha oferecida a notícia é a buceta seca  
o que pra alguns adianta o babado da saliva

para as negras um caralho maior que baste  
o tamanho gigante da safadeza e da burrice  
lésbica assumida a gente cur(r)a na porrada  
devolvendo a ela o cheiro viril do hormônio  
esquecido

com as que se casam com homens que têm  
dinheiro mais vale é o juízo, chamar de puta  
açoite para as que exigem pensão, nome, brio  
vagabunda que não labuta é piranha que já já  
vai arrumar outro filho.

a que discute, critica e estuda é sempre mal-amada  
(que nojo dessas mal-comidas) a que se dedica aos  
afazeres domésticos é fracassada, frágil ou entristecida  
bento é o gosto da porra, sagrado o suor másculo  
das virilhas

mulher se queima  
mulher a gente chuta  
e se a gente não derruba  
crava a linguagem do medo em outra  
que essa outra, com medo, chuta ou derruba  
mulher a gente mesmo queima

sábua e douta mesmo é a condição dos homens  
que ao nascerem ganharam de presente um prêmio  
o poder de relegar aos cães ou aos porcos o largo ódio

## cantilena da outra ponta da praia

meu pai era pequeno além de silva  
vendia lâmpadas que acendiam as  
cidades e voltava para casa sempre  
ferido pela doença haldólica de cair  
as lâmpadas que meu pai vendia nunca  
iluminaram sua verve lírica  
cantava secretamente pequenas árias  
de óperas famosas e devia ao sagrado coração  
de jesus a sua pele escura  
nem o pouco dos seus olhos eu herdei.  
faz mais de trinta anos que ele me guardou  
todas as conchas da praia de iguabinha  
e disse vou escondê-las para você ir  
encontrando belezas sempre que voltar  
aqui

meu pai se esqueceu das marés o que  
ele prometeu nunca mais pôde ser visto

ele desapareceu numa certa manhã chuvosa  
de janeiro e nunca mais atravessou com facas  
a porta de nossa casa em bon sucesso ele  
nunca mais colocou os dedos entre os cabelos  
da minha irmã mais nova ou falou alto o nome de  
meu irmão mais velho e marinheiro  
ele não pôde daqui  
sair vivo

faz mais de trinta anos que coleciono conchas

e por mais que o tempo tenha se cumprido  
lamento dizer a ele que devo soltar sua mão  
desde um último dia em que pedi pai, vamos  
até a outra ponta da praia, vamos esconder  
conchas, pai, e ele disse não posso mais,  
querida, estou  
adoecido.

venho soltando sua mão há tempos mas  
tão vagarosamente que sinto ainda restos  
de areia entre os dedos, poeira ou poesia  
entre nós  
meu pai, faz trinta anos que a sirene se fez  
inteira e eu sem as conchas sem mais a  
travessa de esconder os objetos pontiagudos  
de ti sobre os meus braços

a verdade é que me restou um ancinho  
poeira de areia entre os dedos e de meu pai  
a pequena voz da loucura, seu canto  
que guardo pela gravação das palavras  
todas variadas formas de ir ao portão e  
vê-lo partindo nu sem nenhuma concha  
ou ferramenta justa nas mãos  
faz quase trinta anos que nunca mais.

## galeria

minha avó subia as escadas trazendo nas mãos um embrulho pardo ela vinha com presentes de comer a herança das farinhas pequenos gestos de amor em pacotes de cem gramas os pães os fios dos barbantes virando cabelos e laços da boneca que eu mergulhava no fundo amarelado do tanque e em seguida punha para tomar a garapa de café preto conosco doce bem doce a minha avó perguntava como chamava a boneca e eu dizia algum nome estrangeiro coisa tipo personagem de novela e ela não sabia repetir o nome ela apenas ria e partia a bisnaga em muitos pedaços para saciar a fome da gente que nunca foi nem era nem podia ser pequena porque de onde ela vinha a seca tinha levado todo mundo embora e me contava histórias colocando linhas brancas no encaixe certo das agulhas finas ela falava de lado mostrando seu cabelo cinza eu dizia vó eu quero ter o cabelo como o seu e sua resposta era molhar o pão na mistura de água e café e açúcar sempre me dizendo come farinha menina que quando você for grande teu cabelo vai ser igual ao da boneca e eu ria porque nunca quis ter aqueles fios amarelos do brinquedo eu queria mesmo era ser como ela que subia as escadas com presentes nas mãos ao fim da tarde nos verões já tão ressecados pelo fio da memória e do tempo ela com o mesmo vestido estampado que certamente havia ganhado de uma das irmãs dela a minha avó costurou para mim anáguas e certa vez pedi que fizesse também para minha boneca com nome de cão mileide e ela fez uma anágua completa de cambraia para nós e eu pedia que ela repetisse o nome da rua em que morou rua guanacás porque desde sempre soube que o endereço tinha a ver com o uso das anáguas seu cabelo cinza e seus pés gastos deitada no chão gelado da cozinha para

diminuir o calor eu via que seus pés iam de muito cansaço e rachaduras e ainda assim eu queria chegar sempre levando pequenos presentes sobras de tecidos das roupas que ela fazia para fora os pães a mortadela minha avó chegava como rainha maga e embora não tenha sabido me ensinar direito a ler fingia seguir as letras comigo fingindo que sabia como só as pessoas generosas como um raio de sol podem ser no caminho para fermentar as farinhas e esquentar o chão em que se costura ensina e cozinha a minha avó se despedia prometendo fartura caso houvesse leitura e desse modo eu sentava ao chão naqueles inícios da noite e rezava que ela voltasse e nunca desistisse de me ensinar os bordados e os alinhavos tão certos e adequados aos tecidos enquanto mastigávamos o pão molhado no copo transparente de infância e açúcar.

**querida,**

meus peitos pesam muito  
vou descansá-los ao asfalto  
aberto  
depois da visita das armas  
sobrou pouco corpo para o  
desmonte  
os tiros vieram pela direita  
atravessaram sua cabeça  
naquela esquina do morro  
do estácio rua com nome  
de papa que nunca ajoelhou  
seu menisco velho  
numa disputa entre a milícia  
o pcc, o terceiro, o cv e o ada  
linha primeiro amarela, saca  
depois avenida brasil  
agora são meus peitos pesando  
o fôlego na linha vermelha  
fuzis desmontados neste ano  
armas são inofensivas  
podem ser apenas artefatos  
de quem coleciona dor

em análise sempre se repete as  
palavras  
para permitir a escuta de um outro  
sentido

coleccionar é juntar  
mas também ensinar junto  
o que a arma diz é

vamos matar vocês todos  
um por um  
lentamente

mas eu também tenho raiva  
e coleciono dores

só não tenho fuzis  
mas bombas aqui  
entre as pernas  
bombas que também  
faço com as mãos  
meus peitos pesados  
querida  
podem atrapalhar o  
atirador

matem uma outra  
chegarão dez mil  
explosivas  
gigantes fogos de santelmo

e os meus olhos e o meu rosto  
revigorarão todas as sementes  
cultivadas pelo leite vindo dos  
peitos mais pesados desta terra.



## itinerário econômico da formação

chove nos meus óculos.  
um vento assim frontal  
vindo com a velocidade  
talvez de um besante  
lançado longe ao lago.  
chove durante a tarde.  
e os pés apesar de secos  
simulam areias fundas  
poças lamas roçados  
chove nos meus livros  
passados e nas páginas  
que não se abriram na  
tablatura míope dos  
olhos que cantam uma  
chuva fina de lentes  
cegas e bem molhadas.  
chove nesta cidade sob  
o manto pesado de julho  
e nunca haverá ouvido  
para tudo que seca na  
letra manchada de charco  
tela dedilhada mente que  
há fazer diverso a morrer  
dentro dos meus livros  
abertos sobre mim.

## **carta para alguém depois dos protestos**

*Os bárbaros ficam silhuetados contra o céu acima de nós. Há o bater de meu coração, o ofegar dos cavalos, o gemido do vento e nenhum outro som. Atravessamos os limites do Império. Não é um momento para arriscar nada.*

j.m. coetzee, à espera dos bárbaros

é quente a noite no rio e a praça xv  
arde sulfurada pelo estranho torpor  
dos normais depois das cavalarias  
de choque e da pimenta azeda que  
trouxeram nos barcos dos pinheiros  
sal vinagre especiarias azeviche  
agora ferve a noite no rio e o centro  
está vazio como se os habitantes  
todos tivessem sido demitidos e uma  
horda de restos denunciasse o adeus  
de alguém mergulhando suicidado na  
imensidão apodrecida da baía  
é densa a noite no rio e os bairros  
dos subúrbios dormem como aves  
amortecidas não mais migrantes  
não há pequenina luz nenhuma a  
penas um homem em farrapos  
que diz ter uma palavra importante  
a ser compartilhada embora  
ninguém aqui possa ouvi-lo.

## no mirante do pontal

o mar tem a mim desde pequena  
na areia de nem saber sobre  
meus nomes  
sei que deixei desde cedo o corpo  
das cheganças e deixei como  
visto a parcela de afogamentos  
e nadadas com a paisagem entre  
a eletricidade de meu pai sem  
a voz que conheço há trinta e sete  
anos do alfabeto de minha mãe  
o mar revoltado foi por longo tempo  
a única metáfora que conhecia  
para nadar entre ondas altas e  
viver submersa sob o efeito da  
água sem saber abrir os olhos  
debaixo de tanta violência e sal  
o mar gravita no entorno do meu  
tempo a fazer linhas neste corpo.  
escrevo sob o sol mirando a vista  
e procuro com afinco a descoberta  
de outras tantas possíveis metáforas  
ainda assim o mar está aqui e cada  
vez menos me afunda  
persisto a nadadas com braços gordos  
e cansados mas boio sabida de ser esse  
um dos meus talentos  
boio e seguro a onda para andar  
mesmo no de fora das linhas  
sigo a fazer anos e deixar minha

letra neste mar que agora entendo  
precisar ser mais raso para desaprender a ir buscar amor  
[somente no fundo escuro  
dos oceanos e das natações nos dias.

## carapebas praia hotel

foi o nome tupi deste peixe  
que cintilava na água como  
prata  
que aprendi a não ter muito  
eventualmente o necessário  
para mergulhar com intens  
idade sempre até o fundo  
desde o começo das férias  
minha mãe dizia — não fica  
debaixo d'água mais que  
dez segundos  
um dia eu e meus primos na  
damos até uma praia reservada  
destinada aos frequentadores  
de um imponente prédio de muros  
pré-paradisíacos  
na expedição  
e vimos cardumes de peixes,  
cavalos marinhos e outros bichos  
voltamos silenciosos pelo mar  
de iguaba, não queríamos atra  
vessar a fronteira do vivido  
e de volta à terra, na areia comigo  
mesma e meu maiô de navios  
guardei em mim a imagem de  
um peixe carapeba brilhante  
que valia mais que o nome  
daquele hotel famoso e antigo.

## **1. desorientação**

teu passo chegou próximo  
junho de dois mil e catorze  
duas músicas um gesto entre  
os cabelos à espera da barca  
na outra ponta: atravessar  
a solidez da água lentamente.

## **2. pedágio**

na primeira folha depois  
do nó central do livro  
estava teu poema e um  
desenho da árvore mais  
imensa do caminho para  
a vista poente do gragoatá.

### 3. crítica lírica

permaneci sentada diante da tua nudez  
cada possibilidade de passo parecia um  
gesto falso atento a fáceis e previsíveis  
perigos  
até que reconheci no olhar a percepção  
do finito que comparecia entre nossas  
diferenças  
nunca tive medo, disse, e você cruzou  
os dedos sorrindo para lembrar da pele  
desbaratada

nunca nem sempre é fácil estar nu  
eu sei disse e cantei em segundos  
uma pequena canção

você então se deitou ao meu lado  
e dormimos últimos pela primeira  
e única-lírica ocasião.

**virginia woolf & joão cabral de  
melo neto: mútua entre-vista**

estou meio que ao lado viva  
entre córregos de garantir a  
sustentação ou suspensórios  
agarrada a uma pedra de fundo  
no sentido contrário dos peixes  
estou nesta esquina perigosa  
acuada pela lei e pelos homens  
estou lá onde não posso saber  
e faço porque mergulho doce  
neste retorno manso dos tiros  
gasto uma pistola inteira de  
traços e revivo aguda e torpe  
entre linhas, exames e ditos  
repetidamente gogos gogos  
como as pedras nos bolsos  
não canso de me deparar com  
a singeleza e a brutalidade e  
por isso sempre desisto do susto  
acostumada que estou ao estrago  
conto todos os sonhos nesta nar  
rativa perdida do meu lastro  
porque um grampo foi esquecido  
dentro e por este motivo eu calo  
(lanço pedras e elas voltam com sangue)  
dói uma ferrugem de outros tempos  
nesta cadeia sucessiva de nadas  
de modo que os dias são estes  
pássaros perdigueiros estes cumes



estes cimos de muito pouco pasto  
paramos diante da pedra  
e a pedra não responde ou indaga  
a pedra apenas cai, se atira e me acolhe  
o silêncio dos muitos anos e das horas  
a pedra fica à mesa e olha, a pedra sabe  
tudo o que não pude dizer desde aquele  
meu primeiro grito diante do sobressalto.

## iniciação à gramatura

às vezes quando chego tarde da rua a trabalho e o dia é mais fim do que noite ou madrugada reparo na iluminação do apartamento térreo focos de luz amarelada conversas mansas entre delicados sons dos talheres sendo colocados em cima dos pratos de louça dentro da pia às vezes paro depois do portão e olho de longe a luz estourada fazendo sombra nos quadros modestos e matematicamente curados na maior parede da casa na sala

todos os dias antes de sair olho para dentro da habitação onde moro para guardar a luz dos horários e entender a dinâmica dos ventos e no primeiro andar antes de fechar o portão cuido das pequeninas plantas que os vizinhos arrumaram nas grades protetoras da janela

sei que as plantas não sobrevivem sempre mas quando as minhas e as deles estão firmes e a luz amarela amanheceu acesa eu entendo que carrego comigo o perfume do tomilho e do sono daqueles que amam abro o portão e me despeço devagar do bairro e o pico do grajaú amanhecendo quando viro a esquina o cheiro do café reescreve em mim a luz amarela e o dia comunica aos meus pelos um bom presságio.

## antípodas

disse, outro dia, que escrever  
era uma cola no retalho  
de espelhar  
mas faltou carimbar uma  
digital e assinar esse verbo  
desfeito

escrever é colar o espelho  
mas não cola

## sílica

na maioria das vezes em que chego  
em casa sinto um cheiro velho  
as fezes dos gatos exalando  
no perfume incapacitado dos  
odorizadores de lavanda ou  
alecrim um navio de bueiros  
chego em casa esperançosa pela  
cama ou pelo sofá reformado há  
dois ou três meses já furado  
chego em casa e vou ao tanque  
pego a pá e vejo a bandeja cheia  
enfio a cara nos fundos e cato  
as fezes e a sílica dura e grande  
extensamente amarelada pela  
fortaleza da urina lavo o pano  
de chão, vejo se ficou algum  
mineral menor nas minhas unhas  
e limpo o chão cheio de restos  
às vezes duas ou três vezes até  
o cheiro amenizar e eu poder  
atravessar os fundos a cozinha  
a sala e navegar para dentro do  
sofá estampado de uma vitória  
rainha de vila isabel do passado  
e do futuro eu me deito  
cansada e os meus gatos me  
olham dizendo tinhas a  
responsabilidade de limpar  
as merdas há mais tempo  
há merda há muito tempo  
sei.

## **mudança**

há um ano — aos trinta e seis — tive pela primeira vez a oportunidade de comprar móveis fora de um carnê do supermercado extra e das casas insinuante ou bahia comprei uma estante de madeira e pus ao lado da cama também nova limpei o móvel com uma flanela molhada de um tipo muito barato de cera e depois da estante brilhosa e firme ao meu lado coloquei os meus livros mais sagrados tristes de poesia e mais bonitos. antes de dormir ligo o abajur da china que imita uma cerejeira carregada em flor e os livros velam meu sono e fazem em mim os filhos mais difíceis e discursivos.

## poema angélico-adiliano

uma mulher gorda não pode ser assertiva.  
uma mulher gorda não pode não sorrir e  
dar de costas de ombros ou de lado porque  
uma mulher gorda está sempre contente  
pelo que suportam dela e da sua placidez.  
uma mulher gorda tem sempre que ser grata  
seja pelos comentários ambíguos ou atrozes  
seja pelos que fogem dos cumprimentos e a  
braços seja pelo aguentar secundariamente  
um peso de guindaste a sua macro-benfeitoria.  
uma mulher gorda não pode ser acadêmica  
porque a ela falta teoria e quando ela tem  
a teoria falta a leitura dos poemas e quando  
ela tem a leitura dos poemas a ela falta  
modéstia e quando falta modéstia a mulher  
não pode ser mulher, muito menos uma mulher  
gorda

uma mulher gorda não pode ser poeta porque  
expor eus gordos ou inflados ou obesos ou  
bariátricos ou sacaneados não é elegante e  
a mulher gorda é tudo menos elegante ainda  
que ela use bege e saltos médios e escove os  
cabelos com pranchas quantíssimas que quei-  
mam os lóbulos das orelhas uma mulher gorda  
também não pode escrever sobre amor ou racha  
duras porque mulheres gordas não são amadas  
e não têm consciência que os seus tamanhos  
incomodam muito muito muito muito muito mais  
uma mulher gorda também não pode ser psicana

lista porque ela não sabe gozar a não ser comendo  
uma mulher gorda não pode ter gatos porque  
logo vira a mulher louca dos gatos  
também não pode gostar de doces porque logo  
vira a diabética masoquista analisada por colegas  
quase sempre torpes e empobrecidos analistas  
porque, vá lá, todo mundo sabe o que é uma  
mulher gorda.

agora algumas mulheres gordas resolveram mostrar  
um outro tom de nós para quem sabe deixar cair  
pesado o som dos cataclismas e emudecimentos  
agora algumas mulheres gordas tiram fotos e mostram  
seus dentes suas peles suas âncoras tatuadas e  
agora as mulheres gordas têm seus vistos mais  
negados.

a mulher gorda continua sendo ignorada nos comitês  
e nos prêmios quaisquer de arte e linguagem e também  
entre os cafés dos círculos fechados de magros e senhores  
mas

agora a mulher gorda sabe que é odiada.  
e virão dela outras verdades outros tiros.

## antílope-cetáceo

*Da língua cortada,  
digo tudo,  
amasso o silêncio  
e no farfalhar do meio som  
solto o grito do grito do grito  
e encontro a fala anterior,  
aquela que, emudecida,  
conservou a voz e os sentidos  
nos labirintos da lembrança*

conceição evaristo, “meia lágrima”

sobre as bombas eu diria que  
psicanalistas não gostam de gente  
gorda  
os professores universitários  
também não gostam de gente  
gorda  
os artistas muito menos gostam de  
gente gorda  
às vezes homens gordos são aceitos  
pelos professores (que não sejam  
universitários)  
mas em geral toda essa gente detesta  
mulheres gordas  
principalmente se elas não são mais  
suicidas ou depressivas ou heterossexuais  
dizem — vejam a réplica de uma baleia —  
as feministas também não suportam gordas  
elas fingem que amam todas as mulheres



mas mentem  
principalmente se a outra  
for gorda ou negra ou gorda e negra.  
assim como os psicanalistas, os artistas  
e os professores universitários,  
os editores também não gostam de gordas  
mal sabem que mais nova,  
tive um jogo da memória  
de animais marinhos fortes  
sonhava em ser cachalote  
e conhecer o oceano profundo  
e outras espécies diferentes da minha  
até os sessenta anos nadando  
o corpo enorme e belo  
cetáceo  
queria  
morrer perto de algum arquipélago  
e ter minha ossada enorme sendo  
justificada pelo tempo

não virei cachalote  
mas poeta  
e como tal  
também sou versada  
na arte da natação  
de nunca esquecer  
a minha elefântica  
memória.

## visitações da menarca

aos treze a última calça quarenta e oito  
coube bem apertada em mim e os dias  
começavam pontiagudos de ouvir palavras  
difíceis no antigo trezentos e doze  
(ramos x praça tiradentes)  
fosse pelo silêncio fosse pela condição  
das roupas incabíveis ou das pequenas  
moedas que vinham a mim  
a história das víboras que eu lia dava  
um jeito agonizante de femininamente  
transitar pelos pênis duros dos homens  
do bairro supostamente meus camaradas  
(aqui entra a sua dúvida masculina se  
fui puta ou se fui violada)  
a verdade é que pinteí o cabelo de hena  
para parecer uma criança mais velha  
depois que o jornaleiro da rua dos  
democráticos em frente à vigésima  
primeira delegacia de polícia exigiu que  
eu ajoelhasse e desse a ele o presente  
que todas as mulheres devem aos  
homens.

## garoa sobre mim

bem sei o que há de risco no peso  
deste cabelo caindo nas costas  
o fio comprido é sismo no cicio  
abalo a contragosto de ter um  
cântico cínico de homens velhos  
bem sei o que há de risco no peso  
deste digitar obstinado do verso  
a poesia acontecendo no rumor  
debaixo do meu e de outros corpos  
ela que não se dá a qualquer grito  
sabia que viria sorrateira dos dedos  
que se doem depois de livrar os  
cravos pontiagudos do côncavo  
muito mal iluminado das axilas  
ela então eu subordinando os  
cabelos vastos e compridos  
a poesia álgida incomodada comigo.

## SOS

inundada pelos olhos por trás debaixo  
das redes sanitárias de água lixo eu  
vendo a luz chegando pequena pouca  
o suficiente para continuar enxergando  
manutenção mínima da vida depois da  
corda bamba em cima das palafitas baby  
não se faz verso se não houver linha  
por isso a atividade sobrevivente da  
aranha minuciosa feito o que é raro  
por cima o levante líquido metáfora  
antiga de morrer por pouco por fora  
é oco a indiferença é oca os assassinos  
permanecem atrás das persianas e eu  
aqui submersa por trás dos olhos mu  
dando a serventia da cor e dos tremores  
tem uma linha azul no aparelho acopla  
do tem uma linha vermelha ficando  
reta estou parando alguma coisa noll  
diria urgentemente a beleza será con  
vulsiva vocês mentem nem será beleza  
a corrente doeu só é possível dormir  
se rapidamente for para desaparecer.

## **dura lex sed lex**

a gente ia vibrando pela tarde  
e o bairro centenário avisava  
sobre a nossa pobreza diante  
do grande tamanho do mundo  
como o chá comum sorvido  
diante de toda paciência dos  
minutos naquela xícara dura  
lex quase âmbar que alguém  
tinha dividido tantas vezes  
entre o custo do afago e da  
bebida feita com os talos da  
planta a gente ia atravessando  
os balanços até chegar depois  
do ponto em que tenho várias  
fotos parada fazendo pose de  
criança sorrindo então na areia  
até que alguém correu descen-  
do a rua gritando um tempo  
que era instante ali com os  
ônibus amarelados rápidos  
e uma notícia que ninguém  
esperava ninguém e eu sentei  
no meio fio quase entre o  
cimento e o asfalto com a no-  
ta para um sorvete entre as mãos  
aquela notícia e a nota molhando  
como os versos que no poema vão  
se adensando na sucessão dos gerún-  
dios a nota ia perdendo o sentido nas

mãos até que depois desse dia a tarde nunca mais esteve na mesma angulação da luz ou melhor eu nunca fui capaz de acertar a abertura do diafragma da câmera na direção correta da luz aquele dia vibrátil foi o primeiro a me obrigar a desenhar com palavras a estimativa da luz incidindo naquela tarde sobre o meu cabelo e tantos outros degredos.

## neurológica

um soco depois do almoço  
certeira em minha casa só  
disse alguma coisa sobre os  
cactos que quis deixar no cor  
redor da sacra vizinhança e  
um corpo de homem avançou  
rápido na contramão da zona  
morte aparente contradição é  
um soco depois do almoço  
vindo à esquerda da cabeça  
não sangrou nada apenas caí  
e levantei rápido com um lá  
pis-lazúli apontado para o  
coração do tolo a me dizer  
cuidados sobre a maneira de  
escrever ou dizer seu nome  
queria comungar do seu ódio  
rasgar teu peito e descosturar  
a cerzidura da tua pele mas  
não sou como tu homem e  
meus ódios eu bordo em rou  
pas que não visto e guardo  
no fundo das terras ardidadas  
onde cuspo sobre teu nome  
e todas as tuas futuras tristes  
esposas filhas gerações.

## as eclusas

algumas palmeiras desenhavam  
a tarde na rua quito próximo do  
pequeno shopping trapiche depois  
de olaria na chegada da penha on  
de hoje há mais uma igreja neo  
pentecostal  
a mãe nos levou então a um lugar  
de diversão era uma boa ocasião  
para comermos pizza e ouvirmos  
música ao vivo embora nem eu  
nem minha irmã gostássemos de  
música ao vivo porque naquela  
época gostávamos de qualquer  
uma banda de garotos adolescentes  
e naquele dia chovia e estávamos  
provavelmente no chevette prata  
cujo adesivo dizia arroz feijão  
saúde e educação e olhei para o  
alto no fim da tarde cinza pelo  
plástico e o carro era um abrigo  
uma cavidade naquela altura  
dos meus poucos e vagos anos  
e soube que nunca haveria mais  
tradução nenhuma para a altura  
das coisas fossem as palmeiras  
fosse a beleza da canção da cindy  
lauper que tocava naquele momento  
fosse o banco do carona vazio  
como já havia tempo e foi neste



mesmo dia que pedi à minha mãe  
que me desse um sinônimo para  
a altura das palmeiras próximas  
do céu e ela me ensinou uma palavra  
que levei muitos anos para esquecer  
e depois para lembrar o tamanho tão  
grande e pesado daquela palavra que  
não era minha mas que ficou em mim  
a palavra da minha mãe repetindo por  
muito tempo mesmo enquanto eu queria  
perdê-la  
incomensurável  
e eu não sabia reproduzi-la até que  
repeti até aprender o modo certo de  
saber dispersar pela voz o seu tamanho  
incomensurável  
como a paixão nas tragédias  
incomensurável  
como as mordidas das  
mães.

## broken social scene

bem antes do lars von trier abrir uma janela  
para händel falar através de sua música  
houve farinelli naquela cena em que canta  
a música de deixar que chore a sua crua sorte  
e o castrado direciona para o seu mestre todo o  
peso da sua arte e da sua voz insuportável aos  
mediócras.

a música respirava em farinelli e era sua des  
graça sua vida regida por outros homens mes  
tres do século xviii que apareciam em sonhos  
galopando desaparecidos sobre cavalos  
quanto mais agudo seu canto mais queriam sua  
morte ou seu proveito

rinaldo ou armida

ambos

senhas ambíguas para a vaga música do subúrbio  
a ópera abbandonata

farinelli caminha comigo vendo imóveis conjugados  
para alugar  
nas ruas residenciais do cachambi

## a festa na rua pacheco jordão

na foto infantil você aparece segurando a minha mão levantada  
na altura do braço  
como se estivesse acenando para alguém que me olha  
não exatamente como você olhava  
naquela altura, aos doze, treze anos, o cabelo ficava solto  
demandando reparos e mensagens, ar quente junto à testa  
a força de um homem puxando com força para fora  
doendo  
a minha cabeça  
e então cruzar um corredor estando  
vestida sempre de um modo muito  
errado  
enquanto tocava time after time com a cindy lauper  
no fundo  
aquelas seis vozes em alvoroço na minha cabeça doída  
e o arco grosso do olhar sob as sobrancelhas muito cheias  
atravessar então a alegria tangível na mão das pessoas  
invisível como minhas marcas falsificadas de tudo  
era junho  
e um casaco foi possível sobre o corpo para mim que  
era uma hóspede ingrata e estranha, nua  
quando não pude então mais você veio  
cresceu lentamente até desaparecer  
como a luz do refletor iluminando a piscina  
o tanto de água cintilando a rua pacheco jordão  
havia um milagre triste no bairro  
e eu soube que você tinha vindo por engano  
como nas outras vezes  
em que a maquiagem se desfez

e não havia ainda aprendido como  
voltar para a foto (tua mão na minha)  
e enfim me dissipar.

## cat people

*para margarida vale de gato*

não sei muito a respeito do nascimento de humanos  
por muito tempo achei que gostaria de ser mãe mas  
declinei do convite por conta de sete motivos  
sei entretanto um pouco sobre a gestação dos gatos  
da ética das felinas prenhas em lares temporários  
e dos humanos que as acolhem em situação de risco  
às vezes oferecendo um pedaço de cômodo vazio.  
sei que os filhotes de gato nascem com unhas e  
gritando depois da instalação da primeira fome  
as unhas são muito afiadas e nunca entendi como  
não mutilam as vísceras das mães por dentro.  
a prole nasce com os olhos colados e sujos  
e um dia de repente os abrem sorrateiramente  
deixando para as mães a tarefa da limpeza.  
os gatos tornam-se facilmente irmãos de outros  
e amam de um modo estranho sempre mordendo  
e nesta altura separam-se com alguma dor da  
mãe disposta — se não for castrada — a outra cruza  
os filhotes sabem depois de nascidos que não podem  
usar com as mães as suas unhas  
poupam-nas sempre dos arranhados finos  
chorando para sempre a maternagem impossível  
de um pires que seca aos poucos o leite derramado.

## umbigueira

em cima da mesa ficam os papéis deste ano  
talvez mais um a não ter fim  
receitas médicas, atestados de mil dias  
encaminhamentos sobre-humanos  
bulas dos riscos e das apostas  
travessia de uma vida e meia  
distante cada vez mais dos poemas  
que deixei de escrever com medo de dizer  
aquelas palavras que não se fala  
víscera, ânus, reto, cólon, ceco, apêndice  
tudo aqui dentro um grande mistério  
escondido num espessamento suspeito  
agora que o país também está para se  
revelar  
os amigos também doem  
alguns sangram  
como eu  
e falo ao poema como se contasse  
um segredo  
gravo uma mensagem de voz em que digo  
a névoa sobre quem somos se dissipa  
entre nós  
mas com ela surge a força de uma violência  
que nos ameaça de novo a pele e promete  
apagar o que restou do nosso dote para  
a vida  
talvez sejam parcias as metáforas  
porque a linguagem agora é fria  
tenho um corpo naquelas palavras

víscera, ânus, reto, cólon, ceco, apêndice  
risco no papel o branco para firmar a  
anatomia  
e nos dias mudos como o horizonte  
desenho os pés da orixá mais sombria.

## a cor da pele

era alto como o rumor das vozes  
no quarto ao lado  
as mãos sempre suspensas  
ao coração  
uma experiência negra  
do meu pai mulato cafuzo mameluco  
geograficamente perdido ou aniquilado  
e não me contaram esta outra história  
do brasil  
um dia levaram amaciante  
despejaram atrás no meu cabelo  
negociaram meu silêncio  
e soube depois que o gesto  
da violência  
faria uma assinatura em mim  
juntei meus pais e parti  
restou uma química de  
muitos anos  
amônia viva entre os dentes  
aquele rumor dos mortos  
da loucura aberta das afrenias  
eram todos os pelos se desfazendo  
o fim encontrando um sim  
as assinaturas sobre o meu temperamento  
escreveram um caminho minado de  
raças  
eu mulher que também não pode ser louca  
(sempre tentam me coroar)  
o pai foi como uma parede de hortênsias



experiência negra de múltipla  
assinatura  
depois que tatuei o paraíso no punho  
e vinguei um pouso aqui  
sei que a morte me ronda há muito tempo  
e para ela mostro os dentes de amônia  
o corpo grande talhado de tintas que  
nunca pactuaram com a brancura das verdades  
nem com os neutros  
ela me espreita todos os dias no meu sono  
eu acordo e digo  
tenho mais um dia para contar a história dos subúrbios  
vou escrever para descansar da vigília  
em algum futuro a poesia falará  
o cimento do muro será mato  
e a palavra hortênsia ou planta forte  
enfim me vingará de todas as bombas.

## these are the days of our lives

deve ter sido em oitenta e nove ou  
noventa que vi novamente a morte  
se aproximando pois matava homens  
com uma doença que na época era  
febre de poucos ditos conta  
minados que morriam  
um vídeo a que assisti numa tarde em  
casa o de freddie mercury e mont  
serrat caballé cantando juntos algo sobre continuar vivo e

[montserrat

muito grande e gorda no palco  
extremamente lírica e linda  
vestida de cor alegre eles davam as mãos e  
pareciam amigos íntimos lembro de  
pensar que gostaria também que me  
deixassem usar o vermelho naquela  
época em que mulheres gordas não  
usavam cores alegres vivas de vida  
ainda que ela fosse um risco como  
freddie e cazuza surgiram  
imolando o corpo em nome do direito  
do corpo marcado e do pânico que seguia na dignidade da voz

[de saber

da morte rondando seu corpo seu quarto  
montserrat parecia uma ave materna  
cuidando da aura de freddie mercury e sei  
que em oitenta e cinco ele fez silêncio  
enquanto milhares de pessoas cantaram  
aquela que foi sempre a sua música

incandescente  
como a voz de al berto e caio fernando  
abreu escrevendo uma carta para atravessar agosto e permanecerem  
[vivos

exatamente  
os homens frágeis como meu pai  
mas corajosos como o vermelho  
que eu decidi amar.

**“nós estamos preparadas  
desde o jardim de infância”**

*poema para mc carol,  
depois de ler um seu depoimento*

um dia meu pai muito  
cedo disse  
vamos tirar  
as laranjas do pé  
me levou ao colo  
para que eu pegasse  
as frutas  
depois sentamos à escada  
no fim do terreno  
e ele tomou uma faca que  
trazia sempre consigo  
comi até o bagaço das laranjas  
eu e a minha fome  
depois juntamos os caroços  
e ele foi andando com uma  
enxada  
tentou me ensinar a lida e  
embora fosse pequenina  
capinei o rápido plantio  
com as sementes guardadas  
nos bolsos.  
as laranjas não vingaram  
meu pai também não  
mas eu  
eu sim.

## benjaminiana

no começo eu escrevia apenas  
mentalmente  
desenhava imagens na quietude dos bancos de trás dos ônibus  
[enquanto aprendia palavras que nunca eram minhas  
depois ganhei um lápis  
e reconheci uma forma de  
missão  
arredondando as vogais lentamente  
nos cadernos encapados de verde  
pela minha mãe  
segurando a minha mão direita  
para acertar a letra  
e por um tempo segui  
na borda das caligrafias  
ora pingando os is  
ora reparando na luz  
que incendiava a página  
toda branca contra  
o meu vestido de pele  
nua com o nariz grosso  
agora é que começaram  
os fios do tempo no cabelo  
cheio  
(olhos escuros)

tenho quase quarenta anos  
e não desenho mais  
continuo nos ônibus  
à procura das palavras minhas

da poesia que não doa tanto  
em casa tenho plantas  
bichos  
canetas  
e uma coleção de poemas  
abandonados  
silentes  
atravessados pela ruína  
como o retrato da cidade  
em que nasci na parede  
abaixo de minha última  
foto — hoje tão puída —  
com meu pai.

## o assassinato de marielle franco

como apaga um corpo depois  
de correr nele o vinho de tanta  
fruta gorda e succulenta  
você segura nas mãos da vida  
e nela há respiração timbre  
a pisada de um búfalo  
um fôlego vindo das raízes  
o vento que bate na areia da pele  
você vê os pelos eriçados  
você inclusive se arrepia  
e de repente um outro sopro  
morde  
onde tudo sangra  
como que pode  
morrer ser tão doloroso  
ou pacífico  
como que pode  
morrer às vezes  
ser tão lento  
como apaga um corpo depois  
depois de a pele que temos  
ser tão consoladora  
fica um pouco mais  
poderia ter dito  
mas o vinho por dentro ardia  
e mesmo que o corpo ficasse  
o elo de ser um animal  
já tinha se desfeito  
o visgo inteiro vazado

a ponto de nunca mais  
poder ser recolhido  
como que pode  
um corpo inteiro  
quebrado  
a gente estendendo a mão  
que fica mais no vazio  
a gente também um corpo  
esperando o seu quebrado  
como que pode  
um corpo inteiro  
sumir  
mesmo desmembrado  
sempre pode ou deve  
o desencanto ser admitido  
morrer como adormecer  
entre as ruínas  
as bombas  
perder  
sopro sangue ar  
barco e mãos  
atracados mas  
pendentes  
nos filamentos do espaço  
a mão última que acena  
sabe porque dói  
o impossível  
não pode mais.



## caixa de joias

não lembro exatamente qual era teu nome  
se rodrigo rafael ricardo renato  
eu usava um anel para dedos largos  
tucum certamente jamais marcassita  
vinha de cordovil pela penha (aos treze)  
e sabia que no caminho da poesia  
haveria de atravessar vielas variadas do subúrbio  
e a defloração do corpo era um preço  
caro que as mulheres pagam  
muito cedo como pedágio para permanecer vivendo  
(fiz parte muito tempo do grupo de fêmeas  
que desconheciam a diferença entre  
romance e estupro)  
não lembro qual foi o nome que você  
disse que era o seu porque eu era jovem  
embora fosse muito tarde  
não havia água para que eu me lavasse  
e saí com uma blusa de ursinhos retorcida  
talvez manchada  
você me deixou num ponto de ônibus  
e enquanto aquela arrebenção doía  
eu rodava o anel entre os dedos  
na noite da praça do carmo  
sozinha  
pensava no balé giselle na moça magra  
na ponta dos pés gigante brilhante  
eu com um anel de pobreza na ponta  
dos dedos  
pequeno

você em cima de mim há uma hora  
gotejando uma mentira que parecia  
amorosa  
então houve uma cena que fez nascer o poema  
descruzei os braços, preni o cabelo por causa do calor  
                  muito em câmara lenta  
porque nunca marcassita  
e fiquei novamente nua  
nada aconteceu além disso  
(como num clipe do antony & the johnsons)  
e nem mesmo nenhuma  
palavra ou pessoa me salvou  
mas saber o trânsito da penha  
reconhecer os ônibus, suas cores  
e dobradiças  
me fez atravessar o tempo das garagens  
onde assisti à perda do noivado inexistente  
giselle tutus perdas de marcassita  
onde perdi tudo ficou uma mão aberta  
na porta daquele cômodo mofado  
vão-se os anéis caídos nos bueiros dos subúrbios  
fincam-se os dedos no silêncio  
                  do corpo curado no curtume

## **museu nacional**

eles venceram gaguejando  
pragas  
dançaram macabramente  
em cores de bandeira a  
coreografia dos incêndios  
estou tentando atravessar  
as ruas  
mas esbarro nos mortos  
e nas armas  
do abandono — restos  
das árvores que o temporal  
levanta garantindo o encontro  
definitivo com o passado —  
há corpos na esquina  
cacos e papéis da quinta  
e de longe posso mapear  
onde estão as outras bombas  
porque o ataque já foi iniciado  
e nós nos mantemos vivos  
enquanto os soldados  
vão errando alguns  
dos seus alvos  
(nós)  
deixamos um débito gigantesco e  
nosso dinheiro não paga a natureza

também foi queimado o canto dos povos  
talvez não haja música para a extinção

## **museu nacional.2**

em setembro de noventa  
meus colegas queimaram  
pontas agrestes de um cabelo

foi durante o recreio  
da quarta série  
alguém levou um isqueiro

e por trás do balanço maior  
um pequeno incêndio foi  
provocado

nada comparado ao  
desaparecimento do  
crânio que luzia

mas

meus colegas também  
queriam abrasar a memória  
de uma infância alijada

atearam fogo  
aos fios de contas de uma história  
disseram

— *you are the ugliest among us*

& como os assassinos de hoje

gritaram como dominicanos

— *queimem-na*

sou um animal muito antigo  
também serei mulher-bomba.

## migração da paisagem

como deve ser o que flutua, leve?  
como pode ser a pluma no vento  
o ostensório aberto, a vista breve  
mas não, corpo como carga e silo  
mar grosso, navio de oceano  
tamanho de âncora  
farol da noite nutrido  
tudo faltoso  
naquilo onde nada fica  
como deve ser o que flutua, leve?  
esta facilidade de voar sem afinco  
desresponsabilidade de planar  
um canto que soe sinuoso  
ou pesado  
crítica diáfana do mundo  
na caligrafia sempre sensata  
equilíbrio que segue  
como deve ser o que flutua, leve,  
senão a trapezista do circo  
eu múltipla e taquilálica  
desequilibrista do mar alto  
ancorada numa pedra  
com sísifo  
marina acorrentada de barcos  
as cargas os silos  
tarefa de saltar os olhos  
leve como o que flutua  
deve  
a minha dívida imensa deste saldo

aquela cena de asas do desejo  
sem rede para o pulo  
o que é forte é o que me foi pesado.

## necrobrasil

como iremos embora  
tipo uma pergunta mas  
também uma solução  
deixar o aglutinado de  
palavras livre sem pontuação  
como iremos embora  
se temos três gatos  
como iremos embora  
se temos vozes tão  
diferentes  
como iremos embora  
juntando dinheiro que  
não temos  
como iremos embora  
neste instante em que  
dura  
a catástrofe e uma aula precisa  
ser dada entre as ruínas  
como iremos embora  
enquanto as tvs ardem  
como iremos embora  
se ainda não paguei o mês de março  
para a analista  
como iremos embora  
sem molharmos as plantas  
iremos embora catando folhas  
e reprogramando a língua  
essas palavras aparecem agora  
depois do almoço de domingo



enquanto você dorme e  
não vejo solução a curto prazo  
e meus cabelos voltaram a cair  
ou meu rosto parece esfacelado  
como iremos embora sem  
carregar livros ou nossos chás  
pre  
feridos  
vamos embora tocados  
pela rapidez das varas  
neste dia de aniversário  
55 anos do golpe militar  
em que há pouca gente na rua  
a não ser pelo vasco x flamengo  
e quando não há família nem  
igreja nenhuma  
ameaçada  
iremos embora descendo as  
escadas com nossas mochilas  
e sacolas  
talvez fechemos a porta  
e deixemos comida e água  
para os gatos  
(por quanto tempo?)  
talvez choremos no último  
portão da nossa casa  
porque são muitas as  
perguntas  
e é possível que seja o  
horário do padeiro que  
vende doces e sonhos  
e as nossas bolsas pare  
cerão pesadas  
(levaremos mantimentos?)  
são é muitas perguntas

para nós que vamos ficando  
e para nós que não temos  
sobrenome  
e se de fato formos na  
condição de refugiadas  
na condição de fugitivas  
na condição de sobreviventes

afinal,  
(evitamos até aqui as indagações  
mais acabadas e questionadoras)  
porque se realmente for imperativo ir  
porque se for inadiável a partida  
mesmo com a hipótese cruel  
do abandono dos gatos

quem molhará as plantas?  
quem retirará a poeira dos livros?  
quem vigiará a segurança de nossa  
casa?

se formos  
se realmente formos

desculpem o tom de interrogatório  
a insistência pela dúvida

se formos  
se realmente formos

para

onde

vamos

?

“Now that book is finished,  
now that I know my characters will live,  
I can love my child again.  
She need sit no longer  
at the back of my mind,  
the lonely sucking of her thumb  
a giant stopper in my throat.”

ALICE WALKER, *Good night, Willie Lee,*  
*I'll see you in the morning*



AGRADEÇO, DE MUITAS FORMAS, A EXISTÊNCIA E A FEITURA  
DESTE LIVRO À/ A:

cristiana lopes, leitora, costureira e artista de muitos bordados, o amor feito para algum possível todos os dias;  
mãe chris de yemonjá, pela transmissão dos preceitos, pelos ensinamentos, mukuiiu!  
mg, fernanda, raphael e alê, uma família firme e muito crítica desta poesia;  
sebastião e leonel: cumplicidade, enfrentamentos mas descanso sempre no final;  
mauro e thiago, minhas referências poéticas;  
bruno, elder, pedro, diego, joca, ambos semelhantes e tão diferentes;  
personagens poéticos desta (minha) vida;  
rafaele, cuja transformação inspiradora eu testemunho crescer um pouco a cada dia;  
ana oliveira e letícia tandeta, mulheres inspiradoras; leitoras sempre incentivadoras da minha poesia;  
jaqueline e karen, pela troca amorosa do que foi possível durante aquele tempo;  
maffei, porque este é o terceiro momento de algo que começou há muito tempo e você estava lá como testemunha e leitor generoso;  
danielle magalhães, bruna mitrano e andré luiz pinto, parceiros da lavra e do projeto dos documentários do pucheu;  
flavia trocoli, luminescência;  
clarissa, lugar onde reaprendo a desejar o corpo que dança;

capilé, fred e otávio, pelo convite honroso, e por minha chegada à esta editora tão bonita.

giovana, distância amortecida nas imagens amáveis de outro tempo;

ana rita, memória afetiva e geográfica; ancestralidade;

pucheu, pela amizade, por acreditar no meu trabalho, por acreditar na minha poesia.

aos meus velhos e velhas, agradeço o convívio, a transmissão, peço a bênção e a licença: zezé, rolando, sebastião, elmir, aparecida e luzia.

“Amor é o olhar total, que nunca pode ser cantado nos poemas ou na música, porque é tão-só próprio e bastante, em si mesmo absoluto táctil, que me cega, como a chuva cai na minha cara, de faces nuas, oferecidas sempre apenas à água.”

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

No primeiro poema do livro de estreia de Tatiana Pequeno, um “11” se faz presente ao fim do título. Teria ela, anteriormente, feito um outro “rio para professoras”, sem o ter publicado? Pelos livros que vieram a público, certamente não. A trajetória da poeta começa saltando a soberania do número 1, a soberania de uma origem exclusiva e excludente, a soberania do primeiro, do único, do monólogo, do imperante, do determinante, do governante, do pai, do dinheiro... Nem Deus, nem o uno, nem Adão, nem o eu, nem o si, nem o liberalismo... Nem as maiúsculas nos títulos nem em vários começos de poemas — o novo livro é todo em minúsculas; é uma poesia das minúsculas, em que até essa escolha gráfica se confunde com uma ética e uma política.

Trata-se de uma poesia das vidas minúsculas. Lembro que, em seu segundo livro, é afirmado: “[...] fiquei novamente em qualquer/ lugar que não fosse o primeiro único”. Colocar o dois no lugar do um, o qualquer no lugar do primeiro único ou do primeiro ou do único, é dizer que no começo já há política, ética, diálogo, alteridade, dissenso, querela, diversidade, diplomacia, amor, amizade, a busca pela inclusão do excluído e — mesmo com resultado impossível — pela justiça...

Não à toa, os títulos dos livros de Tatiana Pequeno implicam o outro: antes deste que o leitor tem em mãos, *réplica das urtigas* e *aceno*. Essa poesia traz uma alteridade no lugar do que seria o próprio, sendo uma réplica a algo que já se deu,

uma resposta ao que está colocado ou consolidado, uma contestação dos preconceitos, uma refutação dos estereótipos, uma inadmissibilidade de qualquer negação do outro, um aceno, um estender da mão, um afago, portanto, à alteridade, levando-a, desde o princípio, em conta. Fazer da poesia um gesto ao outro como quem, a ele, se dobra, verga-se, encurva-se...

De sua poesia primeira, a poeta afirma que seu desejo era o de dialogar “com os meus irmãos de misérias e assombros”, fazendo da poesia nada mais e nada menos do que, pelo diálogo, pela horizontalidade do dois e do múltiplo, “um modo particular de enfrentar o mundo”. Enfrentá-lo dialogando com e acenando a seus “irmãos de misérias e assombros”; enfrentá-lo indo junto e a favor dos miseráveis que — ainda — se assombrom, porque quem ainda pode se assombrar são os miseráveis, os que sofrem na pele a carência e a desgraça impostas pelos poderosos que com nada mais se espantam.

A palavra que intitula seu segundo livro é uma palavra-chave e, mais do que isso, uma palavra-senha que já se faz presente em *réplica das urtigas*, levando o “aceno” a se vincular ao coração enquanto o que, de cor, traz no corpo o distante e a memória: “[...] o coração é uma cápsula depositária/ de bandeiras, acenos e estrelas distantes da/ memória”. Curvar-se ao outro é não deixar que o mais distante, mesmo que viva no meio de nós, seja esquecido, trazendo, no coração — de cor —, o excluído, o anônimo, o inadaptado, o desabrigado, “os irmãos de misérias”, os que os soberanos querem obedientes e suprimidos. “Aceno” se coloca igualmente como uma palavra-senha, já que a réplica pela qual começa seus acenos é uma que, irritada com o *status quo* da cidade, do país e do mundo, deseja devolver essa irritação com pensamento e poesia, irritando os soberanos que só levam o outro em consideração para destruí-lo.



Desde o começo de suas publicações, uma das alteridades (uma das miserabilidades) encampadas pela poesia de Tatiana Pequeno se refere ao subúrbio, tornando sua poesia o que chama de “movimento de subúrbio”, “música de subúrbio”. Deixar esse movimento ou música de subúrbio aparecer é a obsessão cotidiana dessa poeta, que escreve: “eu acordo e digo/ tenho mais um dia para contar a história dos subúrbios”. “Movimento de subúrbio”, “música de subúrbio”, “história dos subúrbios”, eis, repetidamente, um dos focos dessa escrita. Sua opção ética e política se coloca como um movimento, uma música e uma história do “sub-”, do que se encontra em situação inferior, do que está abaixo, do que porta consigo a insuficiência, a carência, a falta, do sub-urbano, do sub-desenvolvido, do sub-mundo, do sub-alterno, do sub-empregado, do sub-capitalizado, do sub-remunerado, do sub-nutrido, do sub-aproveitado, da sub-raça... Fazer o subúrbio se movimentar na poesia, fazê-lo — mais do que cantar — ranger ritmicamente na poesia, fazer a(s) história(s) do subúrbio na poesia é levá-la aonde, em nossa tradição, ela raras vezes esteve, trazendo para a poesia um ritmo de questões pessoais, históricas e sociais indiscernibilizadas que, em anos e décadas anteriores, não tinham acesso à visibilidade e determinações poéticas nem políticas.

Essa música, esse movimento e essa história provêm da Zona Norte. A presença da morte nos bairros suburbanos e periféricos são uma constante nos três livros, a ponto de, neste, em um dos poemas, haver um deslize mínimo de uma letra, uma alteração de uma letra que ganha um puxadinho gráfico, um ínfimo deslocamento de um grafema, a desviar, sem sair do lugar, a zona norte para a “zona morte” ainda cortada pelo suspense do enjambement — “zona/ morta” —, superpondo-as ao nos dar a real da periferia e das comunidades de nossa cidade. Esse deslizamento sem sair do lugar é feito com tanta maestria que, mesmo sendo voluntário (o que se evidencia

pelo próprio enjambement suspensivo), chega a parecer um lapso, um ato falho, uma ajuda do corretor ortográfico, vindo do acaso: “um corpo de homem avançou/ rápido na contra-mão da zona/ morte [...]”.

Trazendo também, a princípio de modo discreto, um feminismo e um lesbianismo que ganharão cada vez mais força, problemas neurológicos ou clínicos, epilepsias, remédios psiquiátricos e outros assuntos afins, Tatiana Pequeno fala, cada vez mais, do que é desconfortável, tocando diretamente nossas feridas e nossos preconceitos pessoais, sociais e históricos. Ela fala do que é desconfortável, sobretudo, e inúmeras vezes, para ela, como, ainda em *aceno*, demarca seu lugar de crescimento: “[...] cresci abaixo daquela/ linha amarela, no limite entre o Morro do Adeus/ e a rua Guaratinguetá bem no pulmão daquele/ largo imenso de Olaria onde minha vida inteira/ foi desejada a partir da possibilidade de sempre/ saber ir embora caso ninguém surgisse para me/ buscar”. O desconforto se explicita como uma marca de crescimento. Na certeza de que ninguém surge para nos resgatar, na certeza de que, como escrito em “caixa de joias”, “e nem mesmo nenhuma/ palavra ou pessoa me salvou”, a poesia, longe do resgate e da salvação, é um modo de partir sem sair do lugar, de criar uma linha de fuga desde, mas também para, o lugar, escrevendo, cada vez mais de perto e incisivamente, o que “[...] está à beira de ser cruel e muito/ perfeitamente/ real”. Uma escrita que, por muitas horas de assombro, com seus irmãos de misérias e assombros, está à beira da crueldade do real.

Em “carta para Sebastião”, do livro *aceno*, é afirmado: “quando uma música começa muito barulhenta/ é porque sua urgência precede a harmonia”. Por sua urgência que precede a harmonia em detrimento de um privilégio do estético em sua autonomia, sua aposta poético-ético-política é em uma poesia barulhenta. Essa é uma poesia da “vida diminuta e inútil dos intensos”, da vida alquebrada dos “irmãos de misérias e

assombros”, da vida minúscula, que se lança em busca de possibilidades e dignidades pleiteadas por nada mais do que — apenas — suas intensidades, sem trazerem consigo nenhum fundamento além delas mesmas, além de seus desejos intensivos.

\*

Muito do que disse anteriormente está presente nos dois primeiros livros de Tatiana Pequeno, mas, apesar disso, com toda honestidade, não sei se eu teria conseguido ler essa direção de seu caminho se não fosse *onde estão as bombas*. *onde estão as bombas* é um livro de tal maneira radical e singular que nos leva a ler o que veio antes a partir do que nele emerge com clareza e intensidade, de modo que o que percute em e entre seus poemas, sua percussão, repercute no passado, fazendo-o revibrar. Sem perder a continuidade do que vinha acontecendo, relacionando-se com o que veio antes, ele instaura um corte que dá a ver e pensar o que, mesmo estando lá anteriormente, talvez não fosse tão visível e pensável. Este também é um livro de quem sabe que “é duro exigir para si aquela nova escrita”, colocando-se à altura dessa árdua exigência até alcançar “aquela nova escrita” exatamente — neste — livro. Sempre é preciso uma outra escrita, de fora, “aquela”, para fazer movimentar — essa — escrita, mesmo quando — essa — é a “nova escrita”. Garantir a alteridade do “aquela” — nessa — escrita para que ela possa trazer algo de novo é uma marca — dessa — poesia.

Enquanto em *réplica das urtigas e aceno* há uma poeta em sua exuberância mostrando, na criação afinada de seus ritmos, sintaxes, temas, imagens e metáforas, a excelência escritural de inúmeros poemas, *onde estão as bombas* é um acontecimento que me parece ir em outra direção, com preo-

cupações mais incisivas. Nele, há um movimento de redução de metáforas em nome de uma intensidade mais direta que, respondendo à do real em uma narratividade fraturadamente lírica (em uma “nar/rativa”) ou no intervalo poético da fratura narrativa, se lança a atingi-la, como é evidente em poemas impressionantes como “l’air du temps”, “expertise”, “breve ensaio contra a minha indiferença à cracolândia do jacaré”, “mulher do fim do mundo” e “poema angélico-adiliano”, dentre outros. Essa dimensão de uma narratividade fraturada da lírica, em que a ausência de pontuações contribui para um espaçamento a “deixar o aglutinado de palavras livre”, confunde-se com uma dimensão ensaística dessa poesia. Há um desejo ensaístico nessa poesia — como há um desejo de ensaio em certa poesia contemporânea, o que pode ser visto, além de na própria Tatiana Pequeno, em Marília Garcia, no poema, por exemplo, “Tubo de ensaio”, de *Parque das ruínas*; em Danielle Magalhães, que explicita tal ensaísmo poético no poema “esboço para um ensaio não escrito”, do livro *Quando o céu cair*; em Josoaldo Lima Rêgo que, no livro *Carçaça*, tem toda uma parte intitulada “Ensaio”; e em Leila Danziger, no livro *Três ensaios de fala...*

Essa tomada de posição ensaística, também política, participa de um momento em que certa poesia atual, sobretudo feita por mulheres, passando pelo testemunho, pelo autobiográfico e pelo (in)familiar, assume um tom afirmativamente militante ou ativista em seus poemas, panfletário mesmo, ampliando com isso, e não reduzindo, o escopo poético, teórico e político da poesia. Os poemas deste livro são declaradamente poemas-manifestos, poemas-ativistas, poemas militantes, poemas-panfletários, poemas-tiros, poemas-bombas que não se desviam da contundência necessária de quem lida responsabilmente com o nosso tempo, permanecendo à beira do real no acontecimento poético-filosófico-histórico-político.

*onde estão as bombas* é um estrondo que responde a uma urgência de nosso tempo e, respondendo a ela, torna-se um livro urgente para nós, um livro pungente, explosivo, simultaneamente do, mas, especialmente, para o nosso tempo, na medida em que vai vertiginosamente “à beira” da crueldade do real, permanecendo nela, demorando-se nela, conseguindo fazê-la falar. No documentário que fiz com a poeta, intitulado *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo*, ela afirma: “Eu acho que, quando os escrevi [os poemas mais “espinhosos” de *onde estão as bombas*], eu me senti absolutamente só, mas depois que eles estavam escritos, eu me senti fazendo parte de uma comunidade, mas uma comunidade infeliz, de uma comunidade que é absolutamente violentada, sistematicamente, a cada hora, a cada minuto, neste país temível. Então, de algum modo, esses poemas deixaram de ser bombas para mim, talvez, depois que eles foram escritos, mas são bombas que eu vou lançar para os outros, porque os outros precisam também, então, a meu ver, ler e ouvir um pouco do que é dito ali, porque eu acho que essa é uma tarefa da poesia”.

Neste livro, tanto a réplica é bem mais grave do que a das urtigas quanto o aceno requer um outro gesto, mais extremo, mais limítrofe, que lhe complemente: responder às bombas, que, desde 1500, mas também, num lapso menor da nossa história, sobretudo nesses últimos anos, recebemos diariamente, com outras bombas. O título *onde estão as bombas* resguarda uma duplicidade: 1) ele pode soar uma pergunta com uma interrogação implícita; e 2) ele diz de uma afirmação na qual o livro quereria dizer que é nele, livro, que as bombas estão, tratando-se, assim, de nada menos do que de um livro-bomba, que responde com poemas-bombas as bombas recebidas.

Livro necessário de enfrentamento, *onde estão as bombas* é um livro histórico; ele foi escrito, com toda gravidade, também a partir das manifestações híbridas de 2013 e suas de-

corrências, escrito também a partir de 2016, o ano em que o golpe foi dado com a deposição da presidenta Dilma Rousseff, escrito também a partir de 2017, o ano em que o golpe se estende com a prisão de Lula e sua proibição jurídica de ser candidato à presidência da República, escrito também a partir de 2018, quando tanto Marielle Franco é exterminada muito provavelmente por milícias ligadas ao então futuro presidente e ao então futuro governador do Rio de Janeiro quanto o Museu Nacional é incendiado, escrito também a partir de 2019, quando Bolsonaro assume o poder. Desde então, vivemos em uma necrocracia explícita, associada ao ultraliberalismo, às milícias e à xenofobia irrestrita, cujo objetivo é destruir todos e quaisquer direitos trabalhistas, tudo o que é comum e democrático, investindo, ao limite da prisão, da asfixia econômica e do crime por assassinato, contra todos e todas que se colocam contra o autoritarismo que ele encarna, como a educação pública, especialmente as ciências humanas tão atacadas, as mulheres, os negros, os quilombolas, os índios, os LGBTQs, os operários, os pequenos trabalhadores rurais, os minimamente assalariados, os que trabalham — ainda — em regime escravocrata, os desempregados, os aposentados, os idosos, as famílias dos assassinados pela ditadura, os artistas, os intelectuais, os movimentos sociais organizados...

No documentário *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo*, ela fala: “O *onde estão as bombas*, que é meu terceiro livro, ainda inédito, tem uma engrossada de tom. Essa engrossada de tom, chamemos assim, vai necessariamente ao encontro de uma configuração que, a meu ver, é uma configuração não só de realidade, mas desse real que vem nos atravessando, especialmente no país em que eu vivo desde 2013. Acho que, em 2013, a história nacional de alguma forma dispara uma série de questões e de problemas que não se resolveram de forma nenhuma. E isso provoca em mim

e, portanto, na minha poesia uma necessidade talvez de falar mais às claras. A configuração política do Brasil contemporâneo talvez me obrigue... e eu me sinta convocada... eu evoque... eu sinta a necessidade de evocar, talvez, essas palavras ou esse modo de conduzir o poema de uma maneira que seja absolutamente mais evidente. É lógico que nessa ideia de evidência mora uma transparência, mora talvez até mesmo uma dificuldade de metaforizar. Eu acredito cada vez mais que a gente viva, nesse momento, que a gente viva essa experiência com uma dificuldade de uma construção imagética inclusive também. Não só essa dificuldade de metaforizar, mas essa dificuldade de a gente olhar para o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, se sentir convocado de alguma maneira a falar disso, mas a falar talvez de um outro lugar que, a meu ver, também é o lugar da poesia. E acho que a poesia tem a possibilidade de, de alguma forma, de ilustrar essa realidade e estar sempre ali, num exercício que é o de estar diante do real, ainda que esse real seja impossível de ser representado”.

Escrever em um momento em que o mais difícil é sobreviver, em que se sobrevive apenas por conta de um erro de pontaria: “é de longe posso mapear/ onde estão as outras bombas porque o ataque já foi iniciado/ e nós nos mantemos vivos enquanto os soldados/ vão errando alguns/ dos seus alvos/ (nós)”, como dito em “museu nacional”. *onde estão as bombas* é um livro que coloca, na “origem”, um assassinato de um tio por cinco ou seis tiros disparados em um subúrbio do Rio de Janeiro. Todos sabemos que o Rio de Janeiro é uma cidade em que se pode dizer que, no começo, era a bala e a miséria, que, no começo, antes de haver o verbo (o *lógos*), a luz ou alguém, já havia a miséria e o assassinato, sobretudo, a miséria instaurada pelo Estado e o assassinato estatal — militaresco, policialesco, senadoresco, deputadesco, miliciano, traficante — que promove a miséria e os outros crimes individualizados,

levando-me a lembrar imediatamente do recente assassinato pelo exército de Evaldo Rosa dos Santos, quando os militares dispararam, por engano, ou melhor, pelo mero fato de os integrantes da família serem negros, não cinco nem seis nem treze, mas 80 tiros contra o carro da família do músico.

Na verdade, contrariando o que primeiro foi divulgado, o laudo posterior apontou que não foram 80 os tiros disparados, mas 257 tiros de fuzil e pistola, sendo que 62 atingiram o carro do músico. Sobre esse acontecimento catastrófico, enquanto o presidente da República dizia que o crime foi um “incidente” e que “o exército não matou ninguém”, o vice-presidente da República seguia justificando o assassinato, com ligeira ponderação ao fim, dizendo, com palavras que poderiam ter saído do pacote anticrime de Sérgio Moro, que “sob forte pressão e forte emoção ocorrem erros dessa natureza”, acrescentando ainda que “Houve uma série de disparos contra o veículo da família. Você vê que só uma pessoa foi atingida, então, foram disparos péssimos. Porque se fossem disparos controlados e com a devida precisão, não teria sobrado ninguém dentro do veículo. Seria pior ainda a tragédia”. Em decorrência da mesma ocasião, dias depois, morreu Luciano Macedo, catador de lixo, baleado por tentar ajudar a família baleada.

Impossível não ressaltar em tal livro a força de um devir-mulher, de um devir-bomba de mulher, de um devir-“mulher-bomba”. Sendo o futuro da poesia e da poeta, tal “mulher-bomba” se coloca nos poemas de Tatiana Pequeno, oferecendo uma possível direção atualizada dessa “mulher-bomba”. Que mulher é essa? Que bomba é essa? Quem é essa “mulher-bomba”? De que modo essa “mulher-bomba” comparece em *onde estão as bombas? Onde estão as mulheres-bombas* poderia ser uma variação do título do livro. A “mulher-bomba” é uma decorrência de viver enquanto mulher por estar submetida a violências consecutivas especificamente contra mulheres: a de



quem, por exemplo, teve o cabelo incendiado por “colegas” de escola aos 11 anos, a de quem traz consecutivas violências sexuais no corpo desde a primeira menstruação aos 13 anos...

A mulher violentada, a mulher violada, é “mulher do fim do mundo”, essa do tempo da “humaneza” que traz a destruição ao mundo. No fim do mundo, a mulher nem se posiciona na primeira pessoa, sendo o “a gente” designativo do grupo dos machos que então comparece no poema, a voz exclusiva do macho que destitui a mulher, do homem violento, violador, assassino. Altamente incômoda, em tal poema, a estratégia não é a utilização de uma voz de mulher a defender diretamente a “mulher do fim do mundo”, a mulher animalizada, a mulher estuprada, a mulher matável, submetida a um feminicídio dos maiores, mas a de assumir a violência do macho na voz do próprio violador, expondo-a, ao limite, desde dentro, desde seu horror. Assumindo um eu falocêntrico, o poema explicita em que consiste esse eu, em que consiste esse falo. Em um livro feminino e feminista, a estranheza se faz total ao lermos o tom da mulher se revertendo no tom do macho misógino, questionando-o de dentro de seus próprios termos.

Por fazer em seu corpo a experiência da destruição, é preciso a essa mulher-poeta (mas também a muitas outras), tornar-se uma “mulher-bomba” para, lutando contra a objetalização e subalternidade às quais é lançada, instigar o coletivo a se transformar em uma possibilidade bem além da “humaneza” destruidora. Devir “mulher-bomba” é a decorrência histórico-poético-ético-política da mulher violentada, da mulher violada. Evidenciando a violência contra as mulheres, o testemunho poético da violência contra si é retornante no livro.

Participando de um subgrupo de um feminismo poeticamente elaborado com os quais esses poemas se fazem, é preciso salientar dois poemas singularmente notáveis, que, podendo ser lidos como um díptico (“poema angélico-adiliano” e o

“antílope-cetáceo”), mexem com mais um preconceito individual e social, o das mulheres gordas, socialmente ainda mais subestimadas do que as mulheres de modo em geral. Como outros, são declaradamente poemas-manifestos, poemas-ativistas, poemas militantes, poemas panfletários, poemas-tiros, poemas-bombas.

Se, no começo, é o tiro, se, no começo, é a bala, se, no começo, é o estupro, se, no começo, é o preconceito, se, no começo, é o ódio, se, no começo, ao meio e ao fim, é a miséria e a destruição do outro pelos que detêm o poder, e mesmo por cada um de nós que a cada momento podemos deter micropoderes, Tatiana Pequeno ergue sua voz ao longo do livro justamente para os diversos ninguéns (“o exército não matou ninguém”, repito, cansativamente, o presidente da República), os invisibilizados, os fragilizados, os que sofrem de preconceito, os excluídos, os violentados, miseráveis, assassináveis, cujas mortes (assim como suas vidas) não são contadas.

Ler *onde estão as bombas* é fazer a experiência de uma imensa intensidade poética, política, ética, existencial, com poemas de intervenção no nosso tempo, é fazer a experiência de que algo de muito especial, de muito singular, que diz, entretanto, respeito ao coletivo de maneira ampla e irredutível, está acontecendo na poesia de Tatiana Pequeno. Aproveite, leitor, releia o livro, porque *onde estão as bombas* mostra a que vem tanto a poesia de Tatiana Pequeno quanto a poesia brasileira atual.

ALBERTO PUCHEU

## Sumário

origem	9
campo de libra (ainda 2014)	10
adeus ao pelourinho	11
teoria da poesia	12
silva antigona	14
l'air du temps	16
expertise	19
a queda do céu	22
breve ensaio contra a minha indiferença quanto à cracolândia do jacaré	23
muito tesão pelos campos em perdizes	26
um a um	28
metafísica da repetição	29
lírica decolonial	30
intradução	31
epilepsy is dancing	32
mulher do fim do mundo	33
cantilena da outra ponta da praia	35
galeria	37
querida,	39
itinerário econômico da formação	41
carta para alguém depois dos protestos	42
no mirante do pontal	43
carapebas praia hotel	45
1. desorientação	46
2. pedágio	46
3. crítica lírica	47
virginia woolf & joão cabral de melo neto: mútua entre-vista	48
iniciação à gramatura	50
antípodas	51
sílica	52
mudança	53

poema angélico-adiliano	54
antílope-cetáceo	56
visitação da menarca	58
garoa sobre mim	59
sos	60
dura lex sed sex	61
neurológica	63
as eclusas	64
broken social scene	66
a festa na rua pacheco jordão	67
cat people	69
umbigueira	70
a cor da pele	72
these are the days of our lives	74
“nós estamos preparadas desde o jardim de infância”	76
benjaminiana	77
o assassinato de marielle franco	79
caixa de joias	81
museu nacional	83
museu nacional.2	84
migração da paisagem	86
necrobrásilia	88
AGRADECIMENTOS	93
POSFÁCIO	
<i>Alberto Pucheu</i>	95

© Tatiana Pequeno, 2019

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CONSELHO EDITORIAL

André Capilé (UniFOA)

Patrícia Lino (UCLA)

Prisca Agustoni (UFJF)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Otávio Campos

PROJETO GRÁFICO

Otávio Campos

Fred Spada

REVISÃO

Fred Spada

POSFÁCIO

Alberto Pucheu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

P424o Pequeno, Tatiana, 1979 - .  
Onde estão as bombas / Tatiana Pequeno. Posfácio de  
Alberto Pucheu – Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019.

ISBN 978-85-93715-24-2

1. Poesia Brasileira I. Título

CDD: B869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2019]

EDIÇÕES MACONDO

Rua Dom Silvério, 302/302A

Alto dos Passos – Juiz de Fora – MG

36026-450

[www.edicoesmacondo.com.br](http://www.edicoesmacondo.com.br)

[contato@edicoesmacondo.com.br](mailto:contato@edicoesmacondo.com.br)





*onde estão as bombas*, de Tatiana Pequeno, com posfácio de Alberto Pucheu, foi composto com caracteres Minion Pro sobre miolo em Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup> e capa em Color Plus 120 g/m<sup>2</sup>, em uma tiragem de 150 exemplares para as Edições Macondo em junho de 2019.